

IDEOLOGIA E A CORROSÃO DO ESTADO EM DUPLA IDENTIDADE (2014)¹

IDEOLOGY AND THE CORROSION OF THE STATE IN DUPLA IDENTIDADE (2014)

IDEOLOGÍA Y LA CORROSIÓN DEL ESTADO EN DUPLA IDENTIDADE (2014)

*Andrei Maurey**

RESUMO: É imprescindível para uma sociedade a compreensão da mídia como uma fonte produtora de sentidos e a formação de cidadãos com plenas capacidades de reflexão crítica sobre seus conteúdos. Com isso em mente, este artigo visa demonstrar como os interesses das classes são antagônicos no capitalismo e providenciar uma discussão sobre a ideologia como parte da subjetividade humana, cujas ações interpelam os indivíduos e os qualificam para as várias funções que eles exercerão na sociedade. Além disso, incluirei os mecanismos de sujeição e obediência que atuam para garantir o domínio das classes dominantes sobre os dominados. Isto posto, através de uma análise marxista da série Dupla Identidade (2014), buscarei evidenciar como a sua narrativa faz uso destes elementos para realizar a inversão dos interesses de classe, apresentando os interesses particulares das classes dominantes sob a máscara dos interesses universais ao promover um quadro pessimista de corrosão do Estado e de seus aparelhos.

Palavras-chave: Comunicação. Ideologia. Estado. Televisão. Ficções Seriadas.

ABSTRACT: It is essential for a society to understand the media as a source of meaning and to educate citizens with full capacity for critical reflection on its contents. With that in mind, this article aims to demonstrate how class interests are antagonistic in capitalism and provide a discussion on ideology as part of human subjectivity, whose actions interpellate individuals and qualify them for the various roles they will play in society. In addition, I will include the mechanisms of subjection and obedience that act to guarantee the dominance of the dominant classes over the dominated. That said, through a Marxist analysis of the fiction series Dupla Identidade (2014), I will try to show how its narrative makes use of these elements to carry out the inversion of class interests, presenting the particular interests of the dominant classes under the mask of universal interests by promoting a pessimistic image of the corrosion of the State and its apparatuses.

Keywords: Communication. Ideology. State. Television. Fiction Series.

RESUMEN: Es fundamental para una sociedad entender los medios de comunicación como fuente de sentido y formar ciudadanos con plena capacidad de reflexión crítica sobre sus contenidos. Con eso en mente, este artículo tiene como objetivo demostrar cómo los intereses de clase son antagónicos en el capitalismo y proporcionar una discusión sobre la ideología como parte de la subjetividad humana, cuyas acciones interpelan a los individuos y los califican para los diversos roles que desempeñarán en la sociedad. Además, incluiré los mecanismos de sujeción y obediencia que actúan para garantizar el dominio de las clases dominantes sobre los dominados. Dicho esto, a través de un análisis marxista de la serie Dupla Identidade (2014), intentaré mostrar cómo su narrativa se vale de estos elementos para llevar a cabo la inversión de los intereses de clase, presentando los intereses particulares de las clases dominantes bajo la máscara de intereses universales al promover una imagen pesimista de la corrosión del Estado y sus aparatos.

Palabras clave: Comunicación. Ideología. Estado. Televisión. Serie de Ficción.

¹ Versão revisada e ampliada do artigo apresentado no GP Ficção Seriada, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, em 2021.

* Doutor e mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Graduado em Cinema pela Universidade Estácio de Sá.
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7754-8344>
E-mail: andreimaurey@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Não está ao meu alcance criar uma sociedade ideal. Contudo, está ao meu alcance descrever o que, na sociedade existente, não é ideal para nenhuma espécie de existência humana em sociedade (FERNANDES, 1976, p.10).

Abner é um humilde residente da cidade rural de Dogpatch². Certo dia, enquanto fazia as suas andanças pelas redondezas, entrou em uma pequena floresta e encontrou o rebanho de um animal bastante estranho, o Shmoo. Encantado pela sua aparência esquisita, decidiu levar um bom punhado deles para criar em sua fazenda. Com o passar do tempo, ele e sua família perceberam que o único desejo dos Shmoos é agradar os seres humanos, transformando-se em qualquer coisa material que estejam precisando. Por não conceberem a ideia de luxo, fornecem apenas as necessidades básicas da vida, isto é, se alguém tem fome, um Shmoo pode rapidamente virar um prato de presunto com ovos, ou uma jarra de água gelada para quem tiver sede, mas jamais caviar ou champanhe. Além do mais, eles se multiplicam com tremenda velocidade, evitando qualquer forma de escassez. Muito contente, Abner compartilhou os Shmoos com todos os habitantes de sua pequena cidade e sem precisarem gastar um longo tempo para produzirem a sua subsistência, os habitantes passaram a fazer melhor uso de suas habilidades e capacidades, alcançando uma vida um pouco mais plena e satisfatória.

Em outro canto do país, um empresário inescrupuloso discutia com seu fiel gerente sobre um lugar nos Estados Unidos onde pudesse abrir sua nova fábrica e pagar um salário miserável aos trabalhadores. Descobriu que havia uma pequena cidade rural não muito longe, Dogpatch, cujos habitantes eram tão pobres que haveriam de aceitar trabalhar por qualquer valor, inclusive por quantas horas lhes fossem ordenadas. Empolgado com a possibilidade de expandir seus lucros a níveis exorbitantes, ele entrou em sua limusine e partiu para o local. Ao chegar, viu um dos moradores caminhando sossegado pela calçada e quando lhe ofereceu a proposta, o cidadão respondeu, educadamente, que poderia muito bem aceitá-la, não fossem os Shmoos. Intrigado, ele resolveu seguir em frente. Mais adiante, uma moradora também recusou, referindo-se aos Shmoos como motivo principal. "Mas o que diabos é um Shmoo?", indagou o empresário. Eis que uma senhora se aproximou e explicou a situação: com os Shmoos ninguém mais era forçado a trabalhar para sobreviver. Os animais fazem tudo pelos seres humanos, tem-se comida e bebida à vontade e todos podem adquiri-los de graça!

O empresário entrou no carro e partiu para a sua casa. "Comida para todos e de graça? Que desgraça!", exclamou ele, furioso. Dois quilômetros à frente, seu motorista parou o carro e pediu demissão, pois havia pegado um punhado de Shmoos de uma das fazendas e não precisaria mais se sujeitar a trabalhar por um salário tão indigno. O empresário teve de dirigir o próprio carro de volta. À noite, ele ligou para a sua amante para esquecer os problemas e ofereceu-lhe um belo jantar. Ela agradeceu e estava prestes a aceitar o convite quando a sua irmã lhe mostrou uns Shmoos, adquiridos de amigos e parentes; e assim, sem a necessidade de prolongar a sua humilhação, ela bateu com força o telefone na cara do empresário e celebrou a sua liberdade com uma ceia simples, porém bastante farta.

Nas semanas seguintes, o empresário deu início a uma campanha nacional contra os Shmoos e a sua "terrível ameaça". A propaganda foi massiva e passou em todos os lugares. Não houve jornal, programa de rádio, televisão, revista ou sites da internet que tenha ficado de fora. A população, levada a crer que os animais prejudicavam a economia e instauravam um clima de caos e instabilidade política, posicionaram-se a favor da erradicação total dos Shmoos. Aqueles que tentavam promover uma defesa dos animais foram rapidamente marginalizados, silenciados, marcados e perseguidos como inimigos dos interesses universais da sociedade. No fim, o empresário comemorou com alegria a decisão e estava convicto de que ela era a melhor para todos; afinal, ele teria a nobre oportunidade de continuar oferecendo emprego aos desempregados (e tirá-los da miséria) e prosseguiria girando as engrenagens dos seus negócios, agora desimpedido por quaisquer perigos.

A alfabetização midiática postula que é prática imprescindível para uma sociedade a compreensão dos conteúdos da mídia como uma fonte produtora de sentidos e a formação de cidadãos com plenas capacidades de análise e reflexão crítica dos seus conteúdos³. A observação aplicada dessas narrativas contribui para a plena formação de consumidores mais atentos e produtores de conteúdos menos irresponsáveis, além de permitir aos alunos/pesquisadores enxergar o que se encontra subjacente, impulsionando o enfrentamento das barreiras hegemônicas e tornando as audiências um grupo capaz de melhor avaliar seus produtos e efeitos na sociedade. No que tange a isso, uma questão mostra-se bastante válida para iluminar a importância de uma audiência alfabetizada e crítica: afinal, como um discurso anti-Estado, defensor da privatização das instituições públicas, da corrosão dos direitos trabalhistas, da redução dos programas federais de transferência de renda e da suspensão de práticas que permanecem providenciando um mínimo de bem-estar social shmoosiano para os cidadãos mais necessitados, tornou-se tão evidente e defendido nos meios de comunicação?

A fim de providenciar algumas respostas, este artigo visa elaborar uma discussão acerca do processo de inversão dos interesses de classe, pelo qual a mídia corporativa apresenta os interesses particulares das classes dominantes sob a máscara dos interesses universais, atuando na reprodução ideológica do capitalismo e garantindo a manutenção das relações de dominação na sociedade. Para tanto, discutirei a teoria da ideologia de Göran Therborn (1980), que compreende-a como parte fundamental da subjetividade humana e cujas quatro dimensões atuam na interpelação dos indivíduos para uma ordem social específica e de qualificação para as diversas funções que exercerão na sociedade. Além disso, incluirei as sanções acarretadas por processos econômicos e políticos que o autor denomina de mecanismos de sujeição e obediência, os quais atuam para garantir o domínio das classes dominantes sobre os dominados. Por último, através de uma análise marxista da série Dupla Identidade (2014), buscarei evidenciar como a sua narrativa faz uso desses elementos para promover os interesses particulares de corrosão do Estado e de seus aparelhos como se fossem universais, em uma estratégia similar à destruição dos Shmoos.

2. IDEOLOGIA, INVERSÃO DOS INTERESSES E OS MECANISMOS DE SUJEIÇÃO E OBEDIÊNCIA

[...] toda nova classe que toma o lugar de outra que dominava anteriormente é obrigada, para atingir seus fins, a apresentar seu interesse como o interesse comum de todos os membros da sociedade, quer dizer, expresso de forma ideal: é obrigada a dar às suas ideias a forma da universalidade, a apresentá-las como as únicas racionais, universalmente válidas (MARX; ENGELS, 2007, p.48).

Se retomarmos a estória de Abner e seus miraculosos Shmoos, um dos pontos mais intrigantes refere-se à propaganda conduzida pelo empresário para destruir os animais mágicos. Então, como algo tão vivo, material e de incontestável função para melhorar a vida de todos pode ter sido transformado tão depressa em grave ameaça universal? Um modo de refletir acerca deste processo é o de que o empresário apenas fora capaz de efetuar a sua campanha porque conseguiu ofuscar as contradições existentes nas relações de produção e realizar a inversão dos interesses de classe, isto é, ele obteve a legitimação de sua visão particular como a representante dos interesses universais da sociedade (ele deu às suas ideias a forma de universalidade). Isto posto, para compreender este fenômeno social nem um pouco ficcional, é necessário explicar a existência da antagônica perspectiva de classes no capitalismo. Erik Olin Wright (2004), apoiando-se no egoísmo racional⁴ e na consideração pelo próprio bem-estar material de ambas as classes, ilustra como os interesses gerais de cada uma se apresentam frente às preferências de uma hipotética distribuição de Shmoos na sociedade:

Para os capitalistas, sua primeira preferência é que só eles obtenham os Shmoos, uma vez que, obviamente, ficariam um pouco melhor com Shmoos do que sem eles. Sua segunda preferência é que ninguém os obtenha. Eles preferem que o Shmoos seja destruído do que todos recebam um. Para os trabalhadores, em contraste, sua primeira preferência é que todos os tenham. Dado que o Shmoos fornece apenas as necessidades básicas, não luxos, muitos trabalhadores ainda vão querer trabalhar por um salário para ter uma renda opcional. Esses trabalhadores ficarão um pouco melhor se os capitalistas tiverem Shmoos, bem como os trabalhadores, uma vez que isso significa que os capitalistas terão um pouco mais de fundos disponíveis para investimento (porque eles não terão que comprar suas necessidades básicas). A segunda preferência dos trabalhadores é que só os trabalhadores obtenham os Shmoos; sua terceira preferência é que apenas os capitalistas obtenham os Shmoos; e sua alternativa menos preferida é que os Shmoos sejam destruídos (WRIGHT, 2004, p.7-8).⁵

³ Para Richard Campbell et al (2017), por exemplo, desenvolvê-la é alcançar a compreensão da mídia junto aos seus significados, cujo processo crítico perpassa as etapas de descrição, análise, interpretação e avaliação e as quais permitem às sociedades tornarem seus cidadãos mais engajados e mais criteriosos como consumidores. Para mais informações, conferir Peyton Paxson (2010), Robert McChesney (2015) e Joseph Turow (2020).

⁴ O autor organiza as ordens de preferência sem levar em conta os motivos altruístas ou rancorosos, partindo de um egoísmo tipicamente observado na economia neoclássica (WRIGHT, 2004).

Note que a opção da classe trabalhadora por destruí-los vem em último lugar, pois, até mesmo a posse deles apenas pelos capitalistas poderia significar custos básicos mais reduzidos e uma melhoria substantiva nos investimentos e nas condições de trabalho. Essa ordem nas escolhas das classes ajuda a esclarecer um ponto essencial: "a ideia marxista clássica de que a classe trabalhadora é a classe universal⁶, a classe cujos interesses materiais específicos são equivalentes aos interesses da humanidade" (WRIGHT, 2004, p.8). Logo, a ideia-chave a ser retirada é a de que, no capitalismo, a privação da classe trabalhadora dos seus meios de subsistência e autonomia não são simplesmente um subproduto infeliz da busca pelo lucro, uma consequência inevitável; mas uma condição necessária para essa busca (WRIGHT, 2004). É por isso que o empresário nem cogitou de todos possuírem os animais mágicos frente à sua destruição, pois de acordo com os seus interesses, as relações capitalistas têm de ser perpetuadas (pela própria sobrevivência de sua condição de capitalista) e, portanto, os trabalhadores precisam ser removidos dos acessos aos seus meios de subsistência.

Na vida real, infelizmente, os Shmoos não existem. Porém, essas práticas anti-shmoosianas podem ser detectadas pela imposição de estratégias e medidas políticas que visam deslocar camponeses e trabalhadores de suas terras férteis ou produções manufatureiras para recrutá-los como força de trabalho assalariada, como na África do Sul, durante o século XIX, onde camponeses foram retirados de suas plantações de subsistência e forçados a trabalhar nas minas em troca de salário para poderem arcar com os altos impostos criados apenas para este fim (WRIGHT, 2004). Além disso, caso a estória do empresário tenha parecido um tanto ficcional, uma vez que uma população inteira "jamais" iria conceber a destruição de algo tão poderoso para o seu sustento, é válido lembrar que o neoliberalismo como um projeto teórico defensor da privatização das instituições públicas, da corrosão dos direitos trabalhistas e previdenciários e da suspensão praticamente integral do Estado, conseguiu tornar-se dominante no palco da política e na mídia, sendo amplamente aceito e defendido pela população⁷.

No cerne deste debate subjaz a questão de como a mídia corporativa se apresenta no tocante à manutenção das estruturas de poder. Para isso, é essencial entender que sendo parte da superestrutura, ela tem por função a reprodução da ordem social. A sua presença ostensiva nas sociedades contemporâneas fez com que ela alçasse ao patamar de um dos principais aparelhos de sustentação e legitimação dos interesses das classes dominantes, contribuindo largamente para a manutenção da submissão voluntária e não-coercitiva. Isto posto, não está em discussão se a mídia corporativa atua ou não nesses processos, mas exatamente como ela realiza a inversão dos interesses, conferindo-lhes uma aparência universal e garantindo os efeitos das relações de dominação.

Entranhada na consciência e na vida material, a ideologia pode ser concebida como um poderoso amálgama de ideias e valores que circulam pelo horizonte social, fornecendo a aquarela e os pincéis com que os indivíduos pintam as suas realidades. Através de seu exame, pode-se desvelar informações acerca da condição dos oprimidos e das múltiplas formas com que o opressor estabelece e sustenta a sua dominação. Nesse ponto, Göran Therborn (1980) apresenta uma conjuntura teórica que amplia a discussão althusseriana⁸ de interpelação dos sujeitos, reconhecendo os avanços (e os defeitos⁹) do autor francês ao conceber a ideologia como processos sociais inscritos em práticas materiais. No entanto, ele a posiciona em um patamar mais amplo, como um "aspecto da condição humana sob o qual os seres humanos vivem suas vidas como atores conscientes em um mundo que faz sentido para eles em vários graus" (p.2). A ideologia é, portanto, o meio em que os eixos da consciência e da significância operam, não se tratando de um discurso, mas tendo mais a ver com o modo de operação na formação e transformação da subjetividade humana (THERBORN, 1980).

Movendo Ideias, Belém-PA, v. 27, n. 2, jul./dez. 2022. e-ISSN: 2675-3162.

⁵ Para melhor esclarecer, a ordem de preferência dos capitalistas é: i) apenas capitalistas recebem Shmoos; ii) destruir os Shmoos; iii) todo mundo ter os Shmoos e iv) apenas trabalhadores terem os Shmoos (WRIGHT, 2004).

⁶ O autor ressalta que essa ordem corresponde também ao que pode ser chamado de "preferências rawlsianas", isto é, as preferências que maximizam o bem-estar das pessoas em pior situação na sociedade. Ademais, elas não derivam de suposições sobre virtudes, nobreza ou um altruísmo da classe trabalhadora, mas de parâmetros objetivos de classe (WRIGHT, 2004).

⁷ Conferir em David Harvey (2007).

⁸ A teoria althusseriana é bastante conhecida nos estudos em ideologia. Conferir em Louis Althusser (2008).

⁹ Segundo ele, há dois argumentos insustentáveis na teoria althusseriana: o de que apenas o conhecimento científico é conhecimento "verdadeiro" ou "real", ou seja, todas as outras formas de cognição, da experiência cotidiana, são distorções ou formas falsas de cognição; e o de que os seres humanos são significativamente motivados como sujeitos apenas pelo que sabem, por conhecimentos verdadeiros ou distorcidos (THERBORN, 1980).

Um dos problemas iniciais para sua estruturação teórica é o de procurar entender como membros de diferentes classes definem o mundo à sua volta, sua própria situação e suas possibilidades. Baseado nisso, ele foca nas ações de interpelação dos indivíduos para uma ordem social específica e de qualificação para as várias funções que exercerão na sociedade. Esse duplo processo acarreta em um funcionamento social tendo em vista três modos de interpelação (que disciplinam e qualificam os indivíduos), relacionando-os e fazendo-os reconhecer o que existe e o que não existe, quem eles são, como o mundo é, como estão relacionados com ele, como a sociedade, os homens e as mulheres são, etc. e fazendo com que adquiram sentidos de identidade e tornem-se conscientes do que é real e verdadeiro; o que é certo e errado, bom e ruim, justo e injusto, belo e feio, etc., determinando não somente as percepções sobre a legitimidade do poder, mas também as relações interpessoais e onde os desejos tornam-se estruturados e normalizados; e o que é possível e impossível, padronizando o senso de mutabilidade, onde as esperanças, ambições e medos são modelados (THERBORN, 1980). Em suma:

as ideologias diferem, competem e se chocam não apenas no que dizem sobre o mundo que habitamos, mas também em nos dizer quem somos, no tipo de sujeito que interpelam. E essas diferentes interpelações do que existe estão geralmente conectadas com diferentes interpelações do que é certo e do que é possível para tal sujeito¹⁰ (THERBORN, 1980, p.78).

Não obstante, ainda há o problema em compreender como essas consciências são formadas e articuladas e em que medida elas expressam a posição dos indivíduos nas relações de produção. Atendendo a esse propósito, o autor apresenta um mapa do universo das consciências que visa compreender as dimensões da subjetividade humana, englobando as relações de classe a partir de dois eixos: o do "ser" e o do "no-mundo". Assim, tem-se que o eixo do "ser" implica uma subjetividade existencial, os indivíduos são alguma coisa durante seu ciclo de vida em relação a outros indivíduos em demais ciclos de vida (gerações diferentes); e uma histórica, pois eles vivem especificamente em um dado momento da história. O eixo do "no-mundo" fornece a subjetividade inclusiva, uma vez que os indivíduos fazem parte de mundos dotados de sentidos; e a posicional, pois pertencem a uma posição específica em relação aos outros membros da sociedade quanto ao gênero, idade, ocupação, raízes étnicas etc. (THERBORN, 1980).

Tendo isso em vista, ao entrecruzá-los, o sociólogo sueco obtém os quatro tipos principais de ideologia (as dimensões da subjetividade humana): a inclusiva-existencial, que gera sentidos sobre ser um membro do mundo, o sentido da vida, da morte, do sofrimento, da ordem natural das coisas. Ela concerne ao que é bom ou mau e o que é possível na existência humana. Entre as suas formas mais comuns, encontram-se as mitologias, as religiões, a moralidade e as narrativas sobre o propósito da vida; a inclusiva-histórica, onde os indivíduos são membros conscientes de seus mundos histórico-sociais. Em termos de número e grau são indefiníveis, mas o autor sugere exemplos como a tribo, a vila, o Estado, a nação, a Igreja, etc. A teoria política burguesa dirige-se aos cidadãos afirmando o que o Estado é, o que é boa e má política, o que é politicamente possível ou não, e salienta que a afiliação a estes mundos sociais ocorre em conflito e em co-existência com outras pessoas segundo vários degraus hierárquicos de dominação e subordinação; a posicional-existencial interpela e qualifica-os a ocuparem posições particulares no mundo em que fazem parte, como as distinções tradicionais de gênero e o ciclo biográfico da infância, adolescência, juventude e maturidade, além de constituir a individualidade subjetiva de cada um, declarando quem eles são, o que é bom e possível para eles em contraste aos demais; e a posicional-histórica, na qual ocupam a posição de membros de famílias, habitantes de lugares específicos, status educacionais, praticantes de estilos de vida, quem são os detentores de poder político, os membros das diferentes classes, etc. (THERBORN, 1980).

A esse respeito, percebe-se que os modos de interpelação podem se entrelaçar e formar complexas consciências capazes de julgar os mais diferentes fenômenos sociais a partir de quaisquer perspectivas. Por exemplo, a exploração e as desigualdades podem ser afirmadas como uma característica da ordem social que não existe, uma invenção; caso as suas existências sejam comprovadas e admitidas, os indivíduos podem passar ao argumento de que são justas, que os pobres são preguiçosos, ineptos para o trabalho; e se seus aspectos injustos forem ratificados, o argumento pode assinalar que uma ordem social mais justa é impossível (THERBORN, 1980). Além disso, em relação a uma ideologia de classe específica, é preciso ter em mente que os quatro tipos estão entrelaçados com outras modalidades não relacionadas à classe, tornando-a uma totalidade

¹⁰ Como exemplo, ele sugere os diferentes papéis que podem ser atribuídos a um trabalhador, como o de membro da classe trabalhadora, membro do sindicato, amigo de seus companheiros de trabalho, fiel trabalhador de um bom empregador, cidadão de bem, comunista ou anti-comunista, católico, etc. (THERBORN, 1980).

complexa que é capaz de superar a tarefa teórico-analítica de designá-la com precisão (uma ideologia de classe não existe em estado puro¹¹). Contudo, ainda que determinada visão não seja unívoca entre os membros de uma mesma classe em dado momento, pode-se encontrar uma sujeição/qualificação mínima acerca do que existe, é bom e é possível que resulte em um estratagema inteligível e que aponte para as suas definidas funções econômicas (THERBORN, 1980).

Para avançar, ao estabelecer os contornos de seu sistema ideológico, ele passa a considerar os processos econômicos e políticos que acarretam nas sanções conhecidas como os mecanismos de sujeição, cuja atuação é garantir o domínio da classe dominante sobre os dominados. Obviamente, há enorme variabilidade empírica, mas deve-se frisar que suas definições se apresentam mais como uma ferramenta analítica (sem objetivos classificatórios), sendo viável uma delimitação de seus traços principais. Assim, partindo da questão: existe uma alternativa melhor possível para o sistema atual?, o autor leva em conta os três modos de interpelação e as duas opções de resposta para exibir seis mecanismos alicerçados pelos seus efeitos de dominação ideológica. Logo, se a resposta for sim, tem-se para o que existe, a acomodação; para o que é bom, o senso de representação; e para o que é possível, o medo. Se a resposta for não, respectivamente, têm-se o senso de inevitabilidade, a deferência e a resignação (THERBORN, 1980). Por fim, ele afirma que todos esses mecanismos de sujeição/dominação ideológica estão presentes nas democracias burguesas contemporâneas e eles têm de ser combatidos se as camadas sociais que visam a mudança e a transformação social desejam levar adiante as suas estratégias de emancipação. Para esclarecê-los, farei um breve resumo de cada um, conforme estão descritos em seu livro (THERBORN, 1980):

i) A *acomodação* refere-se a um tipo de aquiescência através da qual a classe dominante é obedecida, pois os dominados são organizados para considerar outras características da realidade como mais relevantes que a subordinação e a possibilidade de um regime alternativo, como o desempenho no trabalho, o lazer, o consumo, o sexo, os esportes, etc. Os processos de dominação e exploração são mantidos na sombra enquanto as oportunidades são frequentemente iluminadas. Inclui a acomodação das oposições, embora jamais em um grau suficiente onde se permita a satisfação total de suas demandas; afinal, há determinados aspectos de um sistema que os indivíduos estão preparados para enfrentar, como o racismo e o machismo, mas eles não combatem de forma sistemática o domínio de classe;

ii) O senso de *representação* se dá quando a classe dominante é obedecida porque é vista como governando em prol dos dominados e isso representa algo bom, positivo. Essa representatividade pode ser baseada nas percepções de semelhança ou pertencimento, fazendo com que dominantes e dominados se considerem pertencendo ao mesmo universo, ou no fato de os dominantes serem vistos como possuidores de qualidades superiores que lhes permitem defender as necessidades dos dominados;

iii) O *medo* é o efeito ideológico que gera aceitação pela obediência e pela vida, desempenhando um papel significativo nas democracias burguesas. A morte não é a única punição pela desobediência, há também o medo pela retaliação de governos de direita ou do poder estatal no comando de uma esquerda implacável. O medo sustenta constantemente que além das fronteiras da obediência, o que se encontra no sistema atual é a não-existência, o caos, a escuridão, o sofrimento e a morte;

iv) O senso de *inevitabilidade* refere-se à obediência através da ignorância sobre quaisquer alternativas. A marginalização e a apatia política encerram uma massa de eleitores que se furtam do direito de voto e retiram-se dos sistemas políticos, pois estes são considerados impossíveis de serem transpostos e derrubados;

v) A *deferência* faz com que a classe dominante seja concebida como uma "casta", cujas qualidades para reinar são de suprema natureza e que somente eles possuem. Apresenta uma matiz pré-capitalista, mas no atual sistema, ela costuma ser sustentada pelo clientelismo ou pequenos favores em troca da subserviência;

¹¹ É por esta razão que na análise não irei me referir aos quatro tipos de ideologia separadamente. As formas de consciência serão observadas a partir do conjunto de relações que perfazem as ações e consciências dos personagens dentro dos eixos do que existe, é bom e é possível.

v) A *resignação* se manifesta perante à visão pessimista das possibilidades de mudança. Designa-se, mais concretamente, pela obediência nascida de visões de mundo que apontam para a impossibilidade prática de uma alternativa melhor e adquire enorme força com os argumentos de que todo poder corrompe, que as forças de oposição e transformação social são fracas, incompetentes, divididas, instáveis e uma sociedade alternativa jamais conseguiria se sustentar democrática, militar e economicamente.

Por fim, é importante sublinhar que o seu arranjo de dominação ideológica não significa que a sujeição e a obediência sejam garantidas apenas por esses mecanismos. Como observa o autor, o sistema ideológico de uma sociedade em reprodução nunca é estático, ele apresenta-se reiteradamente em fluxo constante, com práticas e condições sempre mutáveis e históricas que seguem se adaptando. As ideologias não apenas consolidam sistemas de poder; mas também podem fazer com que eles se desintegrem e os deixem à deriva (THERBORN, 1980). Na próxima parte, a análise buscará desvelar como as dimensões ideológicas dos personagens e alguns dos mecanismos de sujeição e obediência contribuíram para formar uma narrativa que promove a extrema corrosão do Estado e de seus aparelhos, reforçando os interesses particulares que visam uma redução da influência estatal na vida pública.

3. DUPLA IDENTIDADE: A CORROSÃO EM SÉRIE DO ESTADO

A série *Dupla Identidade* foi exibida pela Rede Globo de 19 de setembro a 19 de dezembro de 2014. A sua única temporada conta com treze episódios escritos por Glória Perez e a direção geral de René Sampaio e Mauro Mendonça Filho. A trama é sobre os homicídios em série cometidos por Eduardo Borges (Bruno Gagliasso), que resultaram na criação da equipe policial de investigação sob o comando do delegado Alexandre Dias (Marcelo Novaes). Pela pressão pública cobrando a resolução do caso, Vera Müller (Luana Piovani), autora de livros sobre serial killers e psicóloga forense, é apontada pelo governador para auxiliar com a sua experiência adquirida no FBI. Paralelamente, Eduardo trabalha como advogado no gabinete do senador Otto Veiga (Aderbal Freire Filho) e tem a meta de escalar os degraus da carreira política, tornando-se, a curto prazo, o seu suplente. Enquanto buscava relatórios sobre os crimes na delegacia de polícia a mando do senador, Edu conhece Rayane Gurgel (Débora Falabella), uma mulher que havia trabalhado com uma das vítimas. A partir daí, a estória o acompanha em meio aos assassinatos, o seu relacionamento conturbado com a namorada e seu perverso jogo de gato e rato com a equipe de policiais¹².

Quanto aos aspectos técnicos, a série apresenta boa direção, um departamento de arte afiado e uma fotografia instigante. A imagem típica do Rio de Janeiro, de sol, calor e praias é posta de lado para nos apresentar uma cidade sombria e soturna, o cenário perfeito para a macabra realidade onde a trama será desencadeada. A frieza¹³ com que Edu conduz seus crimes transborda pelas cenas, invadindo o psicológico e congelando as emoções tanto dos demais personagens quanto do público. Logo, não há momentos de alegria, prazeres leves e sorrisos, apenas o mal-estar e o sofrimento de uma caçada a um homem implacável e doente que deixa um rastro de dor e agonia pelo caminho. As atuações de Bruno Gagliasso e Débora Falabella estão impecáveis. A série foi muito bem-sucedida ao expor, do lado dele, o descaso e a indiferença de um psicopata perante uma relação vazia; e do lado dela, as expectativas frustradas de uma mulher sensível e frágil, que subitamente se vê namorando um potencial assassino (a performance de alta qualidade de ambos fica evidente diante dos prêmios conquistados). A trilha sonora completa este quadro lúgubre ao introduzir músicas do Sepultura para nos aproximar da mente do protagonista e nos ajudar a "revelar a verdadeira alma de cada um"¹⁴.

A estrutura dramática repousa sobre o gênero clássico do drama policial e alguns temperos brasileiros foram adicionados para entregar uma obra com boas emoções. Há dois núcleos principais, o grupo de investigação da polícia e Edu. Ambos movimentam-se e alavancam a trama a partir dos avanços do outro, formando uma conexão dramática simbiótica. A princípio, pela constituição do gênero, os protagonistas deveriam ser os policiais, no entanto, a série inverte essas funções e transforma o enredo na ascensão sociopolítica de Edu, relegando o papel ideológico de antagonista ao delegado e

¹² A trama e as curiosidades estão no Memória Globo, disponível em: <http://glo.bo/3RrbRVw>. Acesso em: 03 dez. 2022.

¹³ Theodore Robert Bundy, o Ted Bundy, notório serial killer norte-americano que confessou trinta homicídios de 1974 a 1978, serviu para a montagem do personagem psicopata de Bruno Gagliasso.

¹⁴ Segundo o Extra. Disponível em: <https://glo.bo/3fjr6zJ>. Acesso em: 03 dez. 2022.

à sua equipe. Em relação à sua composição, há uma grande quantidade de cenas confusas, impertinentes e/ou inverossímeis, ora resolvidas às pressas e de maneira leviana, ora deixadas de lado, incorrendo no grave erro de esquecer personagens e objetos-chave¹⁵. Seja pela experiência da autora em telenovelas (onde há incessantes exposições a cada capítulo), seja pela dificuldade natural do gênero, os diálogos contêm explicações desnecessárias ou intenções e falas absurdas, tornando o seu desenvolvimento dramático artificial e bastante plástico. Além disso, os personagens parecem tomar conhecimento do universo narrativo ao adentrar o horizonte diegético pela primeira vez, como se estivessem conhecendo aquele mundo ao mesmo tempo que os telespectadores, quando, na verdade, as suas ações deveriam ser condizentes com as relações prévias construídas para eles (e as relações deles com o espaço da realidade interna da narrativa).

Como uma visão geral, a série retrata uma profunda descrença nos aparelhos de Estado: a força policial, a figura política do senador e o sistema judiciário. Todos são apresentados como incompetentes, corruptos e despreparados para lidar com a super genialidade e a materialização ideológica do protagonista-divino¹⁶. Diante disso, o seu aporte em relação às instituições do Estado é de extremo exagero negativo, deturpando as suas práticas e áreas de competência por meio de construções poderosas capazes de corroer quaisquer imagens positivas. Em outras palavras, o Estado está em frangalhos e os seus aparelhos, quebrados e obsoletos, transmitindo a sensação de que não se pode tentar mudar aquilo que não tem conserto e que, portanto, a única saída é destruí-lo. A análise iniciará pela "exaltação neoliberal¹⁷" de Edu, cujas dimensões ideológicas e ações procuram gerar valor e aceitação para a sua imagem. Em seguida, discutirei o embate entre o protagonista e os aparelhos estatais a partir de três exemplos que reforçam as visões perniciosas sobre o Estado. O resultado é uma pintura desanimadora e pessimista em relação às suas condutas burocráticas, jurídicas e políticas.

Inicialmente, nota-se que Edu representa o ideal do *Self-made man*, ou seja, o homem que conquista o seu sucesso e destaque por conta dos próprios esforços, o jovem implacável, dotado de qualidades e inteligência superior que desafia as normas impostas e atinge a vitória por mérito individual. Sua trajetória biográfica revela um rapaz que veio dos Estados Unidos para o Brasil, estudou e formou-se em Direito e Psicologia, conseguiu se integrar à equipe de advogados do senador e fazê-lo acreditar que estava diante de seu sucessor na carreira política. Tudo feito por conta própria, sem a ajuda de ninguém (isto fica evidente pela ausência de amigos de Edu). Para funcionar como estandarte neoliberal, Edu precisava se apoiar na ideia enganosa de que ele se trata do único sistema que funciona. Por isso, não chega a ser surpresa que seus adversários, tanto aqueles no percurso de sua glória individual na carreira política quanto os que desejam vê-lo atrás das grades, sejam retratados como incompetentes, desonestos e despreparados para lidar com a mente brilhante de um homem e seu ideal imbatível. Atuando sozinho, Edu consegue enfrentar, derrubar e corroer todas as instituições e indivíduos que ousam invadir o seu caminho. Nada e ninguém consegue pará-lo, ele está sempre à frente, traçando estratégias e antevendo as situações para anular os efeitos indesejados. Apesar de capturado, a sua vitória se deve à sua bem-sucedida missão de destroçar o Estado, fazendo-o parecer incapaz de atender aos problemas do país.

Em plena sintonia com o seu discurso político, Edu representa também o novo frente à destruição do velho, a energia brutal que precisa aniquilar depressa o antigo, o tradicional, o conservadorismo arcaico¹⁸. Todos os personagens de mais idade, sem exceção, são destruídos e/ou seduzidos pela mente perspicaz e afiada de um jovem em rota de colisão com as estruturas, normas e valores ultrapassados da sociedade. O fato de Edu matar suas vítimas não chega a danificar a imagem neoliberal que ele intenciona resplandecer, pois as ações que participam da sua ascensão profissional,

¹⁵ Um exemplo de personagem-chave esquecido foi Ivan, defenestrado por Edu durante um coquetel. O objeto é o isqueiro de Edu. Ambos serão melhor abordados adiante.

¹⁶ É senso comum a existência de inúmeras relações de corrupção que permeiam o Estado brasileiro. No entanto, ao representá-las em paralelo às excessivas demonstrações de incompetência e inépcia (estas bastante injustificáveis), o resultado torna-se um poderoso composto ideológico e nocivo de pessimismo e resignação.

¹⁷ Neste artigo, considero o neoliberalismo "uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido pela liberação das liberdades e habilidades empresariais individuais dentro de uma estrutura institucional caracterizada por fortes direitos de propriedade privada, mercados livres e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar um quadro institucional adequado a tais práticas. O Estado tem que garantir, por exemplo, a qualidade e integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, policiais e jurídicas necessárias para garantir os direitos de propriedade privada e garantir, pela força, se necessário, o bom funcionamento dos mercados" (HARVEY, 2007, p.2).

¹⁸ Outros jovens completam esta visão: Ivan, seu amigo de faculdade, investiga o caso da documentação e é o único a descobrir que Edu é culpado; o filho do senador, Otto Veiga Junior, é um garoto lúcido, mais maduro e racional que o pai, percebendo logo suas falhas em relação ao Edu; a filha do delegado, Tatiana, embora seja seduzida por Edu e fique cega diante de suas ações criminosas, é esperta a ponto de enganar o pai e a mãe em mais de uma oportunidade.

social e política (em paralelo aos seus efeitos destrutivos), não ocorrem por causa ou por consequência dessas mortes, salvo pela defenestração de Ivan¹⁹. A série evidencia que a sua condição é patológica, portanto, ele está blindado contra juízos de valor. As ideias subjacentes aos seus pensamentos e à sua efetiva ação de mobilização neoliberal podem ser desveladas ao separar Edu em seus dois poderosos arquétipos, o seu duplo viés ideológico: o do herói que ativa certos mecanismos de sujeição para disseminar um discurso político que julga restabelecer o equilíbrio das relações sociais por meio da urgente redução da influência estatal; e o rebelde, cujo conjunto de qualidades é minuciosamente construído para ele despejar os seus raios corrosivos nas estruturas antiquadas e se auto-evidenciar como nova força política. Isto posto, irei destrinchar cada um destes elementos em meio às suas relações com a força policial, com o senador e com o sistema jurídico.

O delegado Dias, à frente do grupo de investigação da força policial, ocupa uma posição de liderança na sua equipe "elite" (segundo as suas palavras), porém, ele se apresenta como um homem perdido, inseguro, despreparado para a função. Sua relação com Vera é de desprezo pelo seu conhecimento adquirido no FBI, um sentimento que contagia os demais membros do grupo²⁰. Diante de uma série de assassinatos dos quais a sua equipe não possui nenhuma pista, a presença dela (apontada pelo governador para o cargo), em vez de celebrada e bem-vinda como um auxílio extra, é tratada como um grande empecilho. É senso comum que ainda hoje as mulheres sofrem preconceitos no ambiente de trabalho e precisam constantemente provar o seu valor perante os homens, sobretudo em um ambiente masculinizado como o de uma delegacia de polícia. Assim, o que poderia se tornar uma crítica contundente, infelizmente, faz com que essa visão misógina adquira força, pois a própria personagem sustenta este pensamento. Apesar de estar correta nas suas observações sobre Edu e de ter sido a primeira a desconfiar dele, Vera em nada se aproxima da imagem de uma especialista desse campo, cuja lógica e argumentos deveriam impor respeito sobre os que nada dominam sobre o assunto. A impressão é a de que com ou sem Vera, os resultados seriam os mesmos. Além disso, quando as primeiras provas dos crimes começam a surgir, três eventos, ocorridos num breve intervalo, evidenciam a incompetência e o quadro caótico da delegacia: a equipe encontra o celular de uma das vítimas no apartamento do filho do senador, onde ficou comprovado que o político passara a noite com ela; o ex-noivo de outra vítima encontra o isqueiro de Edu, futuro suplente do senador, no local onde ela fora raptada; e Ivan, um dos funcionários do senador, cai do terraço de um prédio durante um coquetel, onde ele e Edu discutiam sozinhos momentos antes da queda, e ninguém desconfiou ou iniciou uma investigação para apurar se o fato constituía-se mesmo um suicídio.

Ao observá-las em conjunto, chega a ser espantoso que o delegado seja incapaz de montar as peças, que nenhuma suspeita fora levantada e absolutamente nada foi feito diante dessas informações. Quando descobrem quem era o dono do isqueiro, os policiais levantam um relatório sobre a vida de Edu, onde estavam declarados sua profissão, sua educação e o trabalho voluntário no GAV²¹. Porém, tão logo Edu mostrou um B.O sobre um falso roubo de documentos e do isqueiro, o delegado deixou de considerar o objeto como uma prova válida e digna de investigação, mesmo quando outras situações continuavam apontando para Edu como culpado: o "suicídio" de Ivan (ele era o único na companhia do rapaz na cobertura do hotel, mas o que se percebe é que, para esta equipe de policiais, basta alegar que uma pessoa estava alterada e nervosa antes de cair de um prédio que, aparentemente, todos aquiescem como suicídio e arquivam o caso). E, ainda por cima, a mando do senador, Edu integrou a equipe para que pudesse "acompanhar" as investigações. A inépcia de Dias e dos policiais não se encerra por aí, há outros exemplos: quando Ray denuncia Edu como o assassino, eles são incapazes de voltar a considerar as provas anteriores e estabelecer uma conexão; quando eles encontram um pedaço do bastão de beisebol sujo de sangue na casa de Edu, Dias o leva para mostrar ao senador, mas acaba se distraíndo e a esposa do político queima a prova principal; quando Edu foge da prisão com Vera de refém, não houve um policial designado para persegui-los, entre outros menores. Diante de tantos exemplos reproduzindo uma gestão estratégica limitada e ineficiente por parte da polícia, como não se resignar ou enfrentar o medo perante à fraqueza dessa segurança pública? Não é à toa que a intervenção do FBI tenha sido conduzida como "um sopro de alívio", pois quando eles retiram Edu dos tribunais brasileiros e Vera expressa o absurdo de considerar a pena de morte²² como uma lei válida, a série anula o último resquício de crença no sistema brasileiro.

Movendo Ideias, Belém-PA, v. 27, n. 2, jul./dez. 2022. e-ISSN: 2675-3162.

¹⁹ A única vítima de Edu que cruzara o seu caminho profissional e significou uma ameaça aos seus planos foi o Ivan e, mesmo assim, sua morte foi esquecida pela série, deixando de ser investigada pela força policial ou considerada minimamente estranha, como será desenvolvido adiante.

²⁰ O policial Nelson, repetidas vezes faz piadas com os argumentos de Vera ou presume-os como algo insano, sem fundamento, apesar de ele não ter o menor conhecimento na área. Outra policial apresenta o mesmo comportamento.

²¹ Por meio desse levantamento de dados eles não teriam descoberto sua mudança de nome e a sua vida nos Estados Unidos? Ademais, uma futura vítima fazia ligações para o GAV e a Vera foi a única que percebeu uma correlação, os outros policiais foram incapazes de juntar os pontos.

²² Quando a personagem Vera fica sabendo do envolvimento de Edu nos crimes cometidos nos Estados Unidos, ela afirma: "vale lembrar que na Flórida tem pena de morte". E em outra cena, diz: "só lá ele vai conseguir pagar pelos crimes que cometeu, não vai ser aqui".

A relação do senador Otto Veiga com Edu carrega efeitos destrutivos de igual intensidade. Inicialmente, há um detalhe na narrativa que deveria ter sido revisado antes das filmagens, pois inviabiliza a sua estrutura dramática. Assim que Edu fosse cogitado para ser o seu suplente, o seu histórico de vida seria varrido minuciosamente. Com isso, não seria difícil descobrir que ele morara na Flórida e era procurado pelo FBI (mesmo que pelo outro nome, Brian²³). Afinal, é perfeitamente razoável e lógico esperar que qualquer candidato a uma vaga de suplente seja de inteira confiança do senador ou do partido, sobretudo, quando se trata de um político envolvido em esquemas ilegais e de corrupção. Todavia, não é o que a série retratou, pois no mesmo dia que Edu apresentara seu plano de combate ao estupro e ganhara a atenção do senador, o mesmo virou-se para ele e lhe disse que o considerava um filho (a relação era distante entre os dois). Assim, afora as emoções individuais de um homem solitário, as quais não estão em análise, é a partir desse alicerce emocional que mais eventos absurdos reforçam a corrosão estatal.

O próprio apontamento de Edu como suplente, quando o senador percebe a sua candidatura em ruína, pode ser indicado como uma decisão tola²⁴. Mesmo que não haja nada que o impeça de apostar na capacidade profissional do jovem, que figura pública continua se associando a uma pessoa cujas provas apontam para o seu envolvimento em atos criminosos? Em uma cena, o senador relembra a Dias que eles são amigos há dez anos e que sua posição de secretário de segurança se devia a ele. Então, quando Dias lhe mostrou o pedaço do taco de beisebol com sangue e fez um apelo para que o amigo desligasse o seu nome dessa relação, por que ele seguiu teimando na inocência de Edu? Qual seria o problema em afastá-lo até que o caso fosse resolvido? Portanto, nota-se que a amizade de uma década é incapaz de oferecer uma dose mínima de argúcia para conter os raios corrosivos de Edu ou acordar o senador de seu transe ideológico. Em nenhum momento, ele e Assis, seu assistente, juntam as peças e percebem as artimanhas do protagonista. Pelo contrário, ambos agem feito loucos, incapazes de perceber as suas falhas, considerando toda prova contra Edu como um ataque pessoal e de ameaça à máquina pública. Assim, como símbolo da velha política e dessa casta de sanguessugas que a série buscou evidenciar para corroer a imagem do Estado, o final do senador é condizente com a proposta. Em um último ato de tolice, ele salvou Edu de helicóptero e emprestou o seu sítio em Lagos para que ele pudesse fugir. A mídia acabou descobrindo que três mulheres foram mortas nesta cidade e, posto que Edu usara seu revólver (dado a ele pela esposa do senador) para matar um policial, sua carreira estava arruinada.

O sistema jurídico também não saiu incólume da avalanche de raios corrosivos. Assim que Edu é capturado em Lagos e levado para a prisão, o seu julgamento se inicia no dia seguinte. A evidência disso é que durante a audiência, começaram a chegar as notícias de que os corpos das vítimas ainda estavam sendo encontrados, além de Nelson estar recebendo as provas dos crimes (a arma que Edu atirara no policial). A velocidade com que o tribunal foi formado é irreal e quase todos os seus elementos parecem ter sido construídos apenas para elevar a potência de Edu perante os seus adversários: não há quase provas contra ele (pois não fora dado tempo o suficiente para serem incluídas); ele parece ser o único ser humano racional, calmo e experiente no ambiente; a presença da filha do delegado Dias, sem que ele soubesse, serviu para desmoralizá-lo em público; e o promotor Silvio e Vera perdem a compostura e se descontrolam, o que faz com que pareçam perdidos e despreparados para suas funções. Ao término da audiência, Edu dá um depoimento praticamente decretando a "obviedade" de sua inocência, carimbando as suas qualidades superiores e chancelando a deferência: nenhum dos profissionais que possuem anos de experiência à sua frente foram capazes de oferecer um freio sequer à sua suprema natureza para reinar em dois dos três poderes democráticos.

Para encerrar, o senso de representação acurado e implacável de Edu pode ser testemunhado nas situações mais estarecedoras da série, as que envolveram a massa de indivíduos incrédulos quanto aos crimes de Edu. De maneira geral, com uma noção completamente divorciada da realidade histórico-cultural do país, eles não carregam um pingote de dúvida na sua inocência, a ponto de uma multidão de pessoas aparecer nos portões da penitenciária para protestar contra a sua prisão. A cena

²³ Quanto a esse detalhe, é possível fazer um questionamento: trata-se de um erro de estrutura dramática ou apenas mais um indício dessa descrença na capacidade e na competência da classe política? E quanto à investigação policial, quando finalmente tiverem provas concretas de Edu e ele teve o rosto revelado na mídia, ninguém da polícia ou até mesmo entre os jornalistas, teria descoberto essa informação? Ninguém na internet ou conhecidos nos EUA? Deve-se ressaltar que o rosto de Edu estampou capas de jornais impressos e online.

²⁴ Em outro momento de tolice, o senador, desesperado, atira no candidato da oposição, acertando a pasta que ele carregava e que continha o dossiê que o arruinaria politicamente. Depois, ambos os candidatos chegaram a um acordo de não prestar queixas. Por que esse acordo? Não seria a vitória política mais fácil da história para o seu adversário?

suscita uma ideia de pertencimento, como se os súditos tivessem reconhecido seu verdadeiro líder e tivessem de brigar por ele. O ex-noivo de uma das vítimas inicia uma cruzada a fim de provar que Edu não era o assassino, empregando os seus esforços e concedendo entrevistas para jornalistas no intuito de criticar o trabalho da polícia. Convicto na sua insana percepção dos fatos, ele chega a criar uma espécie de petição online, gerando a turba de adeptos enlouquecidos e ávidos pela soltura imediata de um mero desconhecido, cuja situação apresentava-se substancialmente desfavorável em termos criminais. Afinal, de onde surgiu esse ímpeto irrefreado para defender o único suspeito dos crimes hediondos que pararam o país e cujas evidências estavam todas contra ele? A sequência é curiosa, pois exalta a posição crítica de que as massas são burras e desprovidas de argúcia, e que são as responsáveis pela situação caótica do país, pois apoiam a "liberdade de criminosos".

Estes são os efeitos avassaladores da extensão discursiva materializada em Edu. Sua ideia e imagem precisam ser promovidas como uma opinião universal, isto é, auto-evidenciada pela naturalidade e amplitude com que é representada. Ao longo de todos os episódios, percebe-se que a sua consciência compreende o mundo exterior de modo diverso: as suas noções do que existe e de que é possível se tornar uma figura política poderosa em paralelo aos crimes em série, demonstram uma soberba condizente apenas num cenário onde seus oponentes sejam completamente ineptos nas suas profissões. No final, até mesmo sua prisão pelo FBI carrega potentes mensagens. Ironicamente, quando a mídia passou a noticiar que ele era procurado nos EUA por quatro crimes, como num passe de mágica, os personagens caíram em si e ninguém mais ousou tentar inocentá-lo, pois a informação fora dada por uma instituição internacional e que, portanto, não faz parte dos aparelhos a serem corroídos. Na última cena, Ray o avista sendo levado pelos agentes ao aeroporto. Edu olha para ela e abre um sorriso de satisfação, pois mesmo diante de uma provável pena de morte, ele sabia que conseguira realizar a sua missão: sobrepujar os aparelhos estatais, arruinar seus oponentes na esfera político-ideológica, disseminar a sujeição pelo horizonte social e, por tê-la engravidado, plantar a semente de sua ideia para germinar no ventre dela e garantir a sua eterna reprodução. Sua vitória estava completa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo procurou realizar uma discussão em torno da importância da reflexão crítica acerca dos produtos da mídia. Através da estória dos Shmoos, pode-se vislumbrar como os interesses das classes são antagônicos em sua natureza. Em seguida, incluí uma discussão sobre ideologia como parte da subjetividade humana, cujas quatro dimensões atuam na interpelação dos indivíduos para uma ordem social específica e qualificação para os papéis que eles exercerão na sociedade, incluindo as sanções acarretadas pelos processos econômicos e políticos, conhecidas como os mecanismos de sujeição, cuja atuação é garantir o domínio de classe. Com a análise da série Dupla Identidade (2014), busquei demonstrar como esses elementos foram organizados na sua narrativa a fim de promover uma imagem pessimista de inépcia e incompetência do Estado, corroendo os seus aparelhos e reforçando os interesses particulares das classes dominantes que visam uma efetiva redução da influência estatal na vida pública.

Tecidas essas considerações, de maneira alguma a exposição dessa reprodução ideológica em uma única obra de ficção seriada poderia indicar uma ampla presença ou uma legitimação concreta. No entanto, considerando as práticas da mídia corporativa e o modelo econômico que a engendra, o artigo pode funcionar como uma contribuição válida para a percepção dessas ideias no campo das ficções seriadas, além de uma boa ilustração do exercício e da relevância da alfabetização midiática. Cabe lembrar que a propaganda que visa aniquilar as políticas públicas shmoosianas nem sempre adquire formas concretas, podendo parecer simples e óbvia aos olhares desatentos, surgindo de pequenas deturpações da realidade social, de repetições imagéticas que buscam auto-evidenciar e naturalizar a sua presença na sociedade ou mesmo de personagens fictícios, entre eles, o Edu, "o destruidor de Shmoos". Para encerrar, na arena político-ideológica, a crítica à atividade estatal é de suma importância quando conduzida de maneira sóbria, visando continuamente a ampliação do bem-estar social e a redução das desigualdades. Portanto, é preciso ter em mente que as representações que destroçam e corroem as suas instituições "gratuitamente", longe de proporem melhorias e avanços significativos para as camadas mais desfavorecidas, costumam carregar interesses particulares antagônicos aos interesses da classe trabalhadora – os interesses universais da humanidade.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **On ideology**. United Kingdom: Verso, 2008.

CAMPBELL, Richard; MARTIN, Christopher; FABOS, Bettina. **Media & culture: mass communication in a digital age**. Boston, New York: MacMillan, 2017.

CAPP, Al. **Li'L Abner**. Princeton, WI: Kitchen Sink Press, 1992.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

HARVEY, David. **A brief history of Neoliberalism**. New York, NY: Oxford University Press Inc., 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MCCHESENEY, Robert. **Rich media, poor democracy: communication politics in dubious times**. New York: The New Press, 2015.

PAXSON, Peyton. **Mass communication and media studies: an introduction**. New York, NY: The Continuum International Publishing Group Inc., 2010.

THERBORN, Göran. **The ideology of power and the power of ideology**. Great Britain: Verso Editions, 1980.

TUROW, Joseph. **Media today: mass communication in a converging world**. New York, NY: Routledge, 2020.

WRIGHT, Erik Olin. **Class counts**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2004.

Artigo recebido em: 17 abr. 2022. | Artigo aprovado em: 03 dez. 2022.